HISTÓRIA DA ARTE OCIDENTAL

UM AUTOR UMA OBRA

José Manuel Russo [2022]

04

AS CIVILIZAÇÕES DO EGEU

*Figuras femininas usando uma saia comprida, ca. 1300-1200 aC. * British Museum, Londres, 2019 © j.m.russo*

AS CIVILIZAÇÕES DO EGEU

04

ÍNDICE

FIGURAS FEMININAS, CA. 2.800 – 2.300 AC. **01**
CICLÁDICO ARCAICO II - III

PITHOS COM PALMEIRAS, CA. 1.850 AC. **02**
MINÓICO MÉDIO II

PALÁCIO DE KNOSSOS, CA. 1.650 – 1.450 A.C. **03**
MINÓICO MÉDIO IIIA - MINÓICO FINAL I

DEUSA DAS SERPENTES, CA. 1.600 AC. **04**
MINÓICO MÉDIO III

VASO DOS CEIFEIROS, CA. 1.550 – 1.500 A.C. **05**
MINÓICO FINAL IA

SALTO DO TOURO, CA. 1500 A.C. **06**
MINÓICO FINAL IA

POTE COM POLVO, CA. 1.450 AC. **07**
MINÓICO FINAL IB

SARCÓFAGO DE HAGIA TRIADA, CA. 1.370 – 1.320 A.C. **08**
MINÓICO FINAL III A/B

TESOURO DE ATREU, CA. 1.330 A.C. **09**
MICÉNICO ou HELÁDICO FINAL IIIA

PORTA DOS LEÕES, CA. 1.250 A.C. **10**
MICÉNICO ou HELÁDICO FINAL IIIB

BIBLIOGRAFIA

GERMAN, Senta – *HARVESTER VASE*, in Smarthistory, 2018

GOMBRICH, E. H. – *THE STORY OF ART*, Phaidon Press, Oxford, 1972

HAUSER, Arnold – *HISTÓRIA SOCIAL DA ARTE E DA CULTURA 1*, Estante Editora, Aveiro, 1989

HUYGHE, René (ed.) – *ART AND MANKIND (VOL. 1)*, Hamlyn, London, 1962

JANSEN, H. W. – *HISTÓRIA DA ARTE*, Fund. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972

MYLONAS, George E. – *MYCENAE, RUINS AND HISTORY*, Ekdotike Athenon, Atenas, 1993

PAPAPOSTOLOU, J. A. – *CRETA*, Edizioni Clio, Atenas, 1981

READ, Herbert – *O SIGNIFICADO DA ARTE*, Editora Ulisseia, Lisboa, 1968

TRIADÓ TUR, Juan Ramón (coord.) – TESOUROS ARTÍSTISCOS DO MUNDO *(VOL.2)* – *DA ARTE MESOPOTÂMICA À PRÉ-HELÉNICA*, Ediclube, Amadora, 2007

AS CIVILIZAÇÕES DO EGEU

Palácio de Cnossos, Creta

Mapa do Mar Egeu

Jarro, Hagios Onouphrios

A **Arte Egeia** ou **Arte Pré-helénica** compreende o estudo da manifestação cultural e artística das civilizações que se instalaram na região do Mar Egeu durante a Idade do Bronze:

- **Civilização Minóica**, que se desenvolveu na maior ilha do arquipélago, *Creta*;
- **Civilização Cicládica**, localizada nas *Ilhas Cíclades* (Milos, Paros, Amorgos, Naxos, etc.);
- **Civilização Heládica**, correspondente aos povos que se fixaram no continente grego;
- **Civilização Micénica**, que ocupou a península do Peloponeso, corresponde ao Heládico Final por ser a cultura dominante e que acabaria por dominar todo o Mar Egeu.

Estas culturas foram classificadas por *Arthur Evans* em três períodos e sub-períodos – Arcaico ou Antigo, Médio e Final ou Novo e I, II e III – identificados pela sigla, por exemplo, **MA I** (princípios do Minóico Arcaico) ou **EM I** (early Early Minoan) em inglês. Alguns são ainda subdivididos em dois ou três momentos, identificados com letras – **HF IIIC** (finais do Heládico Final A). No entanto, *Nicolas Platon* propôs cinco períodos para a cultura Minóica, baseado na cultura palaciana.

Apesar das influências que possam ter sofrido entre elas, já que coexistiram contemporaneamente, são culturas com identidade própria, pelo que alguns historiadores preferem a denominação de Arte Pré-Helénica à de Arte Egeia, que abrangeu a arquitectura, a pintura, a escultura, a cerâmica e as artes menores.

Relativamente à escrita, foram identificados dois sistemas de grafismos – *Linear A* na civilização Minóica e a escrita *Linear B*, que evoluiu da Linear A, na civilização Micénica.

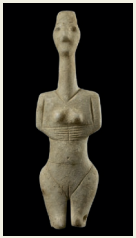
Cronologia

• **Minóico Arcaico**	– Pré-palaciano;	3.500 – 2.100 a.C.
• **Cicládico Arcaico**	– Milos, Naxos, Syros, Amorgos;	3.200 – 2.200 a.C.
• **Heládico Arcaico**	– Thebai, Manika;	3.500 – 2.000 a.C.
• **Minóico Médio**	– 1º Palácios (MM I) / 2º Palácios (MM II);	2.100 – 1.600 a.C.
• **Cicládico Médio**	– Milos;	2.200 – 1.600 a.C.
• **Heládico Médio**	–	2.000 – 1.550 a.C.
• **Minóico Final**	– Pós-palaciano;	1.600 – 1.100 a.C.
• **Cicládico Final**	–	1.600 – 1.100 a.C.
• **Heládico Final**	–	1.550 – 1.050 a.C.
• **Micénico**	– Micenas, Tirinto.	1.600 – 1.100 a.C.

[1]

Ashmolean Museum, Oxford, 2019 © j.m.russo [2]

[3]



[4]

[5]

Cronologia

3200 – 2800 a.C. – **Cicládico Arcaico:** CA I;
2800 – 2500 a.C. – **Cicládico Arcaico:** CA II;
2500 – 2200 a.C. – **Cicládico Arcaico:** CA III.

As ilhas *Cíclades*, ponte entre a Ásia Menor e a Grécia, foi ocupada por povos oriundos da Anatólia. Pouco se sabe da *cultura Cicládica*, pois apenas foram encontradas algumas sepulturas simples. No entanto, algumas figuras esculpidas em mármore, depositadas junto aos mortos, despertaram grande curiosidade por não se enquadrarem nas produções de outras culturas contemporâneas.

«Figuras Femininas ou Ídolos»

As **Figuras femininas** ou **Ídolos** são, na sua maioria, representações de mulheres nuas, de pé e de braços cruzados ao peito, o direito sob o esquerdo. São de configuração simples – geometrizada ou estilizada. De superfície aplanada, evidenciam-se as formas dos seios cónicos, o longo pescoço e o rosto ovalado, marcado por um longo nariz aquilino, e outros pormenores da estrutura orgânica humana, como a curvatura das pernas e dos braços, a marcação do ventre e dos joelhos com ligeiras saliências. A simplicidade e elegância das suas formas contrasta com a das figuras femininas pré-históricas, cujos atributos da feminilidade são grandemente exagerados, aliás a sua função estaria ligada também ligada aos rituais da fertilidade (embora existam outras opiniões).
Produzidos no Cicládico Arcaico II e III, a dimensão dos **Ídolos** varia entre alguns centímetros [1] e o tamanho natural [2], como a existente no Ashmolean Museum «*uma das maiores figuras de mármore intactas, representa uma mulher grávida de braços cruzados, talvez para embalar o seu futuro bebé... Os olhos foram originalmente pintados. São visíveis traços do olho direito a meio caminho do nariz. A formação dos pés torna impossível que a figura fique em pé sem suporte. Provavelmente encontrada num túmulo da ilha de Amorgos*».
São ainda identificáveis diferentes Estilos – estilo *Pelos* (CA I) [3], figuras em forma de violino, sem pernas ou braços; estilo *Plastiras* (CA I) [4], de forma naturalista, com olhos e as pernas separadas; estilo *Louros* (CA I), figuras sem braços e pescoço extra longo; estilo *Kapsala* (CA II), de formas mais arredondadas e braços mais baixos, sugerem gravidez; estilo *Spedos* (CA II) [1], figuras mais comuns; estilo *Dokathismata* (CA II) [2], figuras de linhas mais angulares; estilo *Chalandriani* (CA III) [5], figuras de corpo triangular e normalmente com braço esquerdo sob o direito.

Ashmolean Museum, Oxford, 2019 © j.m.russo [1]

[2]

[3]

[4]

Cronologia

3500 – 2100 a.C. – **Minóico Arcaico:** MA I/II/III – *Pyrgos, Agyos Onouphrios, Koumasa, Vasiliki*;
2100 – 1900 aC. – **Minóico Média:** MM I – *Pithoi, estilo Barbotina, estilo Kamares*;
1900 – 1700 aC. – **Minóico Média:** MM II – *estilo Kamares*;
1700 – 1600 aC. – **Minóico Média:** MM III – *estilo Floral, estilo Marinho.*

A civilização Minóica, denominação utilizada por *Karl Hoeck* relacionada com o lendário rei *Minos*, corresponde aos povos oriundos da Anatólia ou do Levante que ocuparam a ilha de Creta a partir de cerca de 3500 a.C., embora a presença humana na ilha date de 10.000 a 12.000 AP.
Continuando o percurso desenvolvido no período arcaico, durante o Minóico Médio a cerâmica assiste à introdução da roda de oleiro, originando peças mais perfeitas, simétricas e de superfícies lisas – algumas peças atingem mesmo níveis de standardização. Na sua decoração surgem também motivos mais elaborados do que os anteriormente criados.

«Pithos decorado com Palmeiras»

A cerâmica de *Kamares*, descoberta numa gruta-santuário do monte *Ida*, dominou o quotidiano dos Primeiros Palácios, entre 2.100 a 1.700 a.C., desde as pequenas taças e vasilhas às peças de grandes dimensões como os *pithoi*, para fins de armazenamento.
Moldando uma argila mais fina na roda de oleiro, algumas peças de cerâmica poderiam atingir espessura de casca de ovo. Mas o que melhor caracteriza a cerâmica de *Kamares* é a sua ornamentação naturalista – flores, plantas, peixes, entre outros – ou puramente geométrica – espirais, rosetas, linhas – executada em branco, vermelho-laranja ou azul sobre fundo preto. São os primeiros exemplo de policromia na cerâmica.

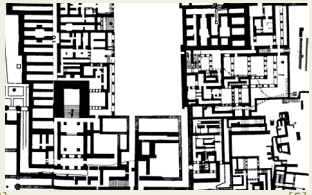
O **Pithos decorado com Palmeiras** [1] é um exemplo da cerâmica de Kamares proto-palaciana – sobre um fundo preto, as palmeiras surgem desenhadas geometricamente a branco e cor de laranja. Apesar da aparente simplicidade, é uma composição com alguma dinâmica – as folhas inferiores espiraladas, alternância da altura das palmeiras, o delineado laranja que sugere volumetria às árvores representadas.
Outros objectos com decoração diversa, como **Jarros** [2], **Pithoi** [3], **Chávenas** [4], **Pratos**, **Taças**, encontradas no palácio de Phaistos (ou Festos), situado no sul da ilha, são exemplo da abrangência da cerâmica de Kamares.

[1]

[2]

[3]

[4]


[5]

Cronologia

2600 – 1900 a.C. – **Período Pré-Palaciano** (MA II/III - MM I) – Moclos, Palaikastro;
1900 – 1700 a.C. – **Período Proto-Palaciano** (MM IB/IIA) – Knossos, Festos, Malia;
1700 – 1380 a.C. – **Período Neo-Palaciano** (MM IIIA - MF I) – Knossos, Malia, Kato Zacros;
1380 – 1100 a.C. – **Período Pós-Palaciano** (MF II/III) – Knossos, Festos, Tylissos.

A cultura Minóica organizou-se em torno dos Palácios, no entanto, não eram como hoje o entendemos – eram uma estrutura complexa de edifícios com actividade comercial, social, religiosa e administrativa. A figura real, ainda com uma origem divina, surge apenas no segundo período.

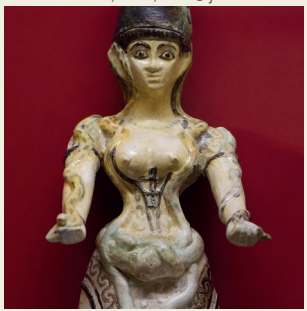
«Palácio de Cnosso»

Situado na costa norte de Creta, o **Palácio de Knossos**, descoberto em 1878 por *Minos Kalokairinos*, organizava-se em torno de um pátio rectangular [5], orientado de norte-sul, sem distinção entre o palácio e a cidade, sem fortificação e adossado a um relevo acidentado, explorado cenicamente com escadarias e plataformas a diferentes níveis. O 1º Palácio foi destruído por vários sismos e o 2º não resistiria à erupção do vulcão da ilha de Thera e o maremoto que provocou.
Actualmente, após várias intrervenções, são de destacar:

- **Grande Escadaria** [intro] – na ala oriental, adossada a um pátio com colunas tronco-cónicas invertidas, de fuste pintado de vermelho e o capitel tórico e a "base" de preto;
- **Bastião ocidental** [1] – colunata sobre um pódio, com decoração de um touro em relevo, ladeando em simetria um acesso em rampa; seria coroada com ameias em forma de chifre;
- **Sala do Trono** [2] – sala de audiências decorada com grifos, o trono do rei em alabastro e três colunas na sua frente que separam um banco comprido e uma "clarabóia";
- **Megaron do Rei** – com vestígios de um friso decorado com espirais em oito;
- **Megaron da Rainha** [3] – ampla sala decorada com os frescos dos golfinhos e rosetas;
- **Escadaria** – de acesso à área nobre, com uma coluna a meio e frescos da procissão;
- **Propileu** [4] – pórtico de acesso ao piso superior da ala ocidental, duas colunas e dois pilares de apoio a uma "clarabóia" com frescos de procissão de portadores de vasos, seguindo-se outro par de colunas e uma larga escadaria;
- **Armazéns** – compartimentos estreitos e longos na zona ocidental com *pithoi*, grandes potes de cerâmica decorados em relevo, para armazenamento de azeite.

[1-2]

Ashmolean Museum, Oxford, 2019 © j.m.russo



[1A]

[2A]

Cronologia

3500 – 2100 a.C. – **Minóico Arcaico:** MA I/II/III;
2100 – 1900 a.C. – **Minóico Médio:** MM I;
1900 – 1700 a.C. – **Minóico Médio:** MM II;
1700 – 1600 a.C. – **Minóico Médio:** MM III.

Relativamente à vida religiosa Minóica, tudo indica que terá sido uma religião animista – não se conhece a existência de templos – os lugares sagrados eram situados em grutas ou bosques – e não existem representações de divindades.
Algumas representações da figura feminina ou do touro descobertas indiciam sobretudo preocupações com a Terra-Mãe e a fecundidade.

«Deusa das Serpentes»

Em 1903, Arthur Evans encontrou numa *cista*, túmulo de pedra escavado na terra em forma de caixão, do palácio de Knossos duas estatuetas em faiança (material de pasta de quartzo esmagada que, após a cosedura, dá um acabamento vítreo com cores vivas e um brilho lustroso), que identificou como **Deusa das Serpentes** ou **Sacerdotisa das Serpentes** [1-2 * Réplicas].
A terminologia tem origem na palavra em escrita *Linear A* (escrita minóica ainda por decifrar) *A-sa-sa-ra*, semelhante ao hitita *Išhaššara*, que significaria Senhora, Dominadora.
São duas representações de figuras femininas de olhos grandes, cintura estreita, usando um longo vestido, com os seios descobertos e segurando com as mãos duas serpentes.

- A primeira estatueta [1A], ligeiramente maior, usa um toucado alto e possui três serpentes enroladas nos braços e na cintura.
- A segunda estatueta [2A], a mais conhecida, foi encontrada sem a cabeça, pelo que foi apelidada de **Adoradora sem Cabeça**, e sem o braço esquerdo, tendo sido reconstituída por Arthur Evans e um dos seus técnicos, inspirados na outra estatueta. O seu chapéu está ornamentado com uma figura de felino, um gato ou uma pantera.

A sua função ainda está por determinar, provavelmente figuras votivas relacionadas com a fecundidade – os seios, a feminina, as serpentes, a masculina – por comparação com outras culturas e mesmo no estilo a influência mesopotâmica parece estar presente.

[1A]

[1]

[1B]

Cronologia

1600 – 1500 a.C. – **Minóico Final**: MF IA – *Rython*;
1500 – 1450 a.C. – **Minóico Final**: MF IB (**Período Pós-Palaciano**);
1450 – 1400 aC. – **Minóico Final**: MF II;
1400 – 1350 aC. – **Minóico Final**: MF IIIA;
1350 – 1100 aC. – **Minóico Final**: MF IIIB.

Ao contrário do Egipto e da Mesopotâmia, o baixo-relevo parietal não teve expressão na cultura Minóica. No entanto, na produção dos *pithoi* de cerâmica e nos *rytha* é frequente encontrar decorações em relevo.
O *Rhyton* (ou *Rhyta*, plural), vasos de forma cónica talhados em esteatite, adequados ao transporte de líquidos (ver fresco dos *Portadores de Vasos* do palácio de Knossus) ou para libações em cerimónias rituais. Comum no Minóico Final, também foram copiados em cerâmica.

«Vaso dos Ceifeiros»

O **Vaso dos Ceifeiros** [1], encontrado em Hagia Triada, exibe no bojo uma cena de homens que marcham e cantam numa celebração das colheitas. Na verdade, não se trata de um vaso, mas sim de um *rhyton*, um vaso ritual utilizado para derramar líquidos, possuindo um buraco na parte superior e outro na parte inferior, agora danificado. O nome atribuído ao vaso não é claro – aparentemente os ceifeiros dirigem-se ou regressam da monda, mas os instrumentos que transportam parecem adequar-se mais à colheita dos cereais do que à sua ceifa.

Com uma graça e vitalidade típica da arte do Egeu, a esteatite preta esculpida em relevo, ilustra cerca de vinte e sete jovens, magros e musculados retratados aos pares, em procissão. Os seus trajes são idênticos, tangas e "bóina", carregam sacos e espadelas e transportam ao ombro foices de lâmina curva e forquilhas [1A].
Este grupo é liderado por um homem aparentemente mais velho [1], de cabelos longos e desgrenhados e um manto com franjas com um padrão de palmetas [1B], carregando um longo cajado, torto na parte inferior e afilado na parte superior.
Atrás do grupo de homens, um homem não tão jovem e magro como os outros [1A], agita no ar um *sistro*, instrumento musical do tipo *Zaclitraque*, enquanto parece estar a gritar ou a cantar a plenos pulmões, imitado por um grupo de quatro homens com capas em volta dos ombros atrás de si.

SALTO DO TOURO (CA. 1.500 A.C.)

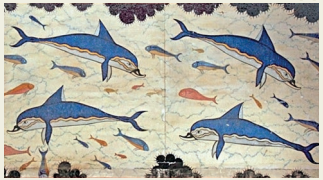
MF IA

Museu Arqueológico de Heraklion, Creta – Pintura sobre estuque, 62 x 124 cm

[1]

[2] * reconstituição]

[3]



[4]

[5 * reconstituição]

Cronologia

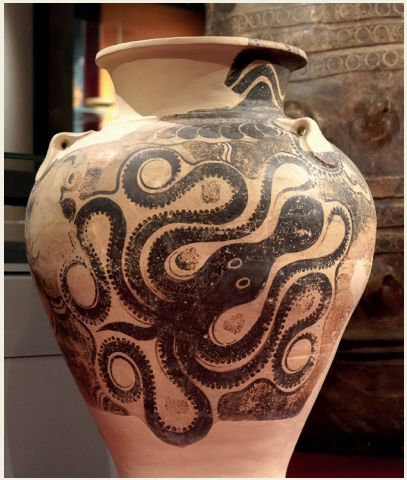
1900 – 1750 a.C. – **Período Proto-Palaciano** (MM IB/IIA) – *Knossos, Festos, Malia*;
1750 – 1380 a.C. – **Período Neo-Palaciano** (MM IIB - MF I) – *Knossos, Malia, Kato Zacros*;
1380 – 1100 a.C. – **Período Pós-Palaciano** (MF II/III) – *Knossos, Festos, Tylissos.*

A par da arquitectura palaciana, a pintura *a fresco* das suas paredes evidencia uma sociedade com um elevado grau de sofisticação e elegância. A pintura transforma as suas superfícies em cenários com representações humanas, animais ou vegetalistas – cenas de banquetes, tauromaquias, jardins, golfinhos, etc. Mas não existem representações de deuses, apenas de procissões ou de sacrifícios cultuais, como não se conhecem referências a batalhas ou heróis. A influência da arte egípcia é clara, mas o movimento, o ritmo e a ligeireza contrariam o hieratismo daquele.

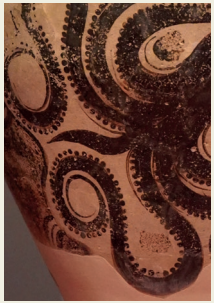
«Salto do Touro»

São do *Palácio de Knossus* a maioria dos frescos descobertos, embora bastante danificados:

- **Salto do Touro** [1] – movimentada cena ritual de um homem que executa um salto mortal sobre um touro, enquanto uma jovem segura o animal pelos chifres e a outra aparenta vir a amparar o atleta. A composição poderá bem representar os três momentos sobrepostos;
- **Procissão** [2] – ou os **Portadores de Vasos**, reconstituição do fresco do Corredor das Procissões: jovens raparigas tocando *sistros*, *aulis* e *liras*, portadores de vasos e aduladores à esquerda, uma deusa (?) ao centro, aduladores e portadores de *rytha* à direita;
- **Damas de Azul** [3] – três jovens com o cabelo ondulado, bandolete e enfeitado com pérolas (?), usando corpetes abertos, de braços erguidos, sobre fundo azul. Composição de grande elegância e feminilidade, representam um grupo de dançarinas;
- **Golfinhos** [4] – «painel» do Megaron da Rainha, uma representação dinâmica de golfinhos cabriolando no mar em direcções opostas por ente peixes, corais e ouriços do mar;
- **Príncipe dos Lírios** [5] – ou o **Sacerdote-rei**, parte de um conjunto de três figuras, a reconstituição baseou-se noutras pinturas. Não há consenso de quem se trata, incluindo o seu sexo, dado o tom claro da sua pele;
- **Dançarina** – do Megaron da Rainha, o fragmento de uma dançarina, apesar de ser mais antiga (MF IB), apresenta características físicas com as *Damas de Azul*;
- **Touro em carga e Oliveira** – fresco com relevo do Bastião Ocidental.



Ashmolean Museum, Oxford, 2019 © j.m.russo [1]



[1A]

[2]

[3]

Cronologia

1600 – 1500 a.C. – **Minóico Final**: MF IA – *estilo Floral, estilo Marinho, Rython*;
1500 – 1450 a.C. – **Minóico Final**: MF IB (**Período Pós-Palaciano**);
1450 – 1400 aC. – **Minóico Final**: MF II – *estilo Palaciano*;
1400 – 1350 aC. – **Minóico Final**: MF IIIA – *estilo Cheio*;
1350 – 1100 aC. – **Minóico Final**: MF IIIB – *estilo Oriental.*

A cerâmica atingiu elevados padrões de produção, sendo exportada por toda a região do Egeu, mas também chegou à Anatólia, ao Egipto e a Chipre. Continuando a tradição de período médio, a cerâmica continua a explorar a temática naturalista, podendo-se distinguir dois estilos – *Estilo Floral*, flores, plantas e folhas, e o *Estilo Marinho*, peixes, octópodes e golfinhos – mantendo-se a preferência pelas formas geometrizantes.
Só os desastres de origem natural, terramotos, a erupção do vulcão da ilha de Thera e um maremoto que arrasou a costa norte de Creta, interrompeu a sua originalidade. A partir daí, a civilização Minóica procura reeguer-se mas com forte influência Micénica.

«Pote decorado com Polvo»

O **Pote decorado com Polvo** [1], encontrado no palácio de Knossos, é um exemplo do *Estilo Marinho* em que se explora a representação de criaturas do mar, neste caso do polvo.
O estilo de representação é de um desenho mais fluente, sinuoso e dinâmico [1A], havendo a preocupação em ocupar quase toda a superfície inteira do pote quer com a figura animal quer com pedras, algas ou esponjas. As figuras são aqui representadas a preto sobre o branco natural da argila cozida, o inverso do estilo *Kamares*.

São exemplos do *Estilo Floral* o **Jarro decorado com flores de papiro** [2], encontrado em Palaikastro, assim como o **Jarro decorado com folhas** (de oliveira?) [3], descoberto em Phaistos, ambos de ca. 1500-1450 a.C., que, apesar do motivo vegetalista, exibe um nível de geometrização e abstracção sem igual.
No Minóico Final surgiram ainda vasos ou *rhyta* em forma animal, embora a sua existência remonte à cerâmica de *Koumasa* do Minóico Antigo, como o *Vaso em forma de pássaro*. Neste período vulgarizou-se a configuração do touro, como o **Rhyton em forma de cabeça de touro** encontrado em Knossos, e a sua utilização em libações está associada aos rituais religiosos.

[1A]

[1B]

[1C]

[1D]

[1]

Cronologia

1600 – 1450 a.C. – **Minóico Final:** MF IA-B;
1450 – 1400 a.C. – **Minóico Final:** MF II;
1400 – 1350 a.C. – **Minóico Final:** MF IIIA;
1350 – 1100 a.C. – **Minóico Final:** MF IIIB.

«Sarcófago de Hagia Triada»

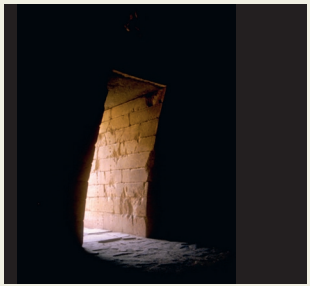
O **Sarcófago de Hagia Triada** [1], descoberto em 1903 por *Roberto Paribeni* numa necrópole perto de Hagia Triada, é basicamente uma caixa com quatro pernas em calcário, sem tampa, revestida de "estuque" pintado e com orifícios de drenagem no fundo, pois o corpo do defunto não é embalsamado. No seu interior foram encontrados dois esqueletos, uma navalha de bronze, uma tigela em *serpentina* (silicato), uma concha de *Charonia tritonis* e fragmentos de estatuetas femininas.

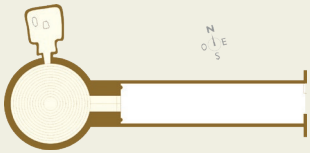
O sarcófago apresenta nas quatro faces um esquema decorativo envolvendo uma banda com treze cenas que representam um ritual religioso:

- **Lado norte** [1A] – cena com dois *labrys* (machado duplo) encimados por dois pássaros, uma jovem derrama o conteúdo de um vaso, talvez o sangue de um animal abatido, seguida de outra que transporta ao ombro dois recipientes e um jovem a tocar lira; na direita, uma figura estranha observa três homens com oferendas: um barco e dois bezerros;
- **Lado sul** [1B] – cena única com dois pares de figuras femininas seguindo uma jovem com uma taça, um tocador de *aulis* (flauta dupla), um touro sacrificado sobre uma mesa com duas cabras sob ela, e outra jovem com uma taça estendida perante um altar;
- **Lado oeste** [1C] – cena com uma carruagem puxada por um ou dois grifos, com duas figuras, talvez duas deusas, e um pássaro grande pairando no ar;
- **Lado este** [1D] – registo superior apenas com vestígios de uma figura masculina e o inferior com duas figuras num carro puxado por dois cavalos.

A representação das figuras humanas evidenciam influências de estilo egípcias, enquanto os elementos decorativos – rosetas e espirais – são claramente micénicas, aliás, neste período Creta encontrava-se sob jugo Micénico. As cenas desenvolvem-se sobre fundo de cor diferenciada – azul, branco, amarelo e vermelho – que interagem com a intensidade dramática de cada uma delas.

Micenas, 1993 © j.m.russo





Cronologia

1600 – 1100 aC. – **Micénica**: M;
1450 – 1400 aC. – **Heládico Final**: HF II;
1400 – 1050 aC. – **Heládico Final**: HF III A-C.

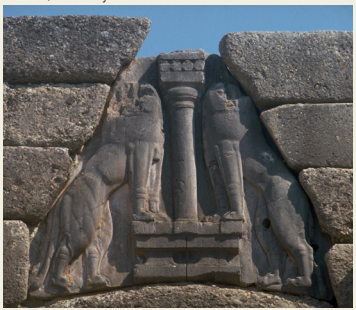
A península do Peloponeso foi invadida pelos Aqueus em 1400 a.C. e aí se fixaram em 1580 a.C. Depressa conquistam Creta, a Anatólia, Tróia e Chipre dando início à civilização Micénica.

«Tesouro de Atreu»

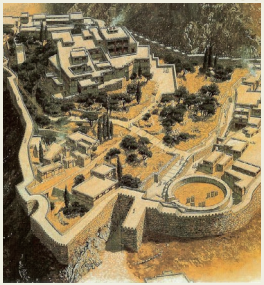
O **Tesouro de Atreu** é na verdade um *Tholos*, um túmulo real que, tradicionalmente se atribui a *Agamemnon*, rei de Micenas, pelo que também é conhecido por **Túmulo de Agamemnon**.
A denominação de Tesouro prende-se a outras descobertas arqueológicas, pois quando foi explorado por *Heinrich Schliemann* em 1879, não se encontrou qualquer recheio de origem, alvo de pilhagens – foram identificadas ossadas pertencentes a ladrões que não conseguiram sair. Deste modo, também é duvidosa a ligação do túmulo a *Atreu*, rei de Micenas, e muito menos a *Agamemnon*, seu filho; apenas a datação levou o arqueólogo a atribuir ao lendário rei.
Como já referido na Pré-história, o *tholos* caracteriza-se por ser uma construção em pedra coberta por uma colina de pedregulhos e/ou terra. Construído em alvenaria, este *tholos* compõe-se de:

- **Dromos** – passagem aberta de 6 x 36 m, com paredes de pedra bem aparelhada de altura crescente até à entrada, cerca de 10,5 m;
- **Pórtico** – entrada com uma abertura rectangular de 5,4 x 2,7 m, encimada por uma abertura triangular. A decoração, destruída ou levada para os museus, consistia de duas semi-colunas em alabastro esverdeado com motivos em zig-zag, friso com rosetas e bandas alternadas de mármore vermelho com espirais, que cobririam a abertura triangular;
- **Stomion** – pequeno corredor com 5 x 9 m coberto por dois lintéis;
- **Câmara** – espaço fechado de planta circular com 14,6 m de diâmetro, formando uma cúpula parabolóide (como uma colmeia) constituída por 33 fiadas de blocos perfeitamente aparelhados até uma altura de 13,5 m. A parede apresenta orifícios com vestígios de pregos em bronze que suportariam um friso decorativo de bronze;
- **Câmara secundária** – espaço de 5,8 x 6 m a norte da câmara principal com um pórtico semelhante ao da entrada; escavado na colina, é um elemento raro num *tholos*.

Micenas, 1993 © j.m.russo [1]



[1A]



[2 * Reconstituição]

Cronologia

1600 – 1100 aC. – **Micénico**: M;
1450 – 1400 aC. – **Heládico Final**: HF II;
1400 – 1050 aC. – **Heládico Final**: HF III A-C.

Com a invasão dos Aqueus, em 1400 a.C., uma série de sismos e a erupção do vulcão Santorini, na ilha de Tera, que destrói o palácio de Cnossos, a civilização Minóica entra de novo em declínio e é dominada pela civilização Micénica.
Ao contrário dos cretenses, as cidades micénicas, como **Tirinto** e **Micenas**, e os palácios eram amplamente fortificados e a distribuição dos seus espaços era simples. Os palácios, de influência anatólica, apresentam telhados de duas águas, uma fachada bipartida e ainda uma sala rectangular dividida por colunas – o *Megaron*.

«Porta dos Leões»

A **Acrópole de Micenas** [2], edificada a 270 m de altitude, era totalmente muralhada, excepto na zona de íngremes ravinas, em alvenaria ciclópica – construção com pedras calcárias de grande dimensão (daí a associação aos Ciclopes) sem recurso a argamassa de ligação, apenas ajustadas com pedras e pedregulhos mais pequenos, normalmente não trabalhados. A entrada no recinto efectuava-se por duas portas, uma a nordeste e a outra a noroeste – a **Porta dos Leões** [1], com a única escultura encontrada do período micénico. Analisando a sua estrutura, o conjunto compõe-se de:

- **Acesso** [1] – rampa ascendente ladeada estratégicamente por muralha de um e do outro lado, assegurando uma boa defesa da entrada no recinto;
- **Porta** [1] – abertura de 3,10 x 2,95 m definida por dois pilares e um lintel com 4,56 m de comprimento, arredondado na face superior. O seu encerramento seria feito por uma porta dupla em madeira decorada no exterior com ornamentos de bronze;
- **Escultura** [1A] – a porta é encimada por um grupo escultórico envolvido por alvenaria que forma um nicho triangular de 3,30 x 3,90 m. A laje triangular apresenta em relevo duas leoas apoiadas numa base ou altar que suporta uma coluna minóica com entablamento, constituindo um conjunto simétrico. Os rostos das leoas foram escultidas em esteatite, pedra mais macia.

As leoas como guardiãs da cidade e heráldica da família real, são influência dos Hititas que colocavam esculturas a ladear as entradas da cidade na Anatólia, de onde são originários os Aqueus.